

## A REIFICAÇÃO DA CONSCIÊNCIA ATRELADA AO VAZIO DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

## THE REIFICATION OF CONSCIOUSNESS LINKED TO THE EMPTINESS OF CONTEMPORARY MAN

## LA COSIFICACIÓN DE LA CONCIENCIA LIGADA AL VACÍO DEL HOMBRE CONTEMPORÁNEO

Natasha Yukari Schiavinato Nakata<sup>1</sup>  
Flávia Regina Schimanski dos Santos<sup>2</sup>  
Tatiana de Freitas Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

O objetivo deste ensaio é analisar o significado filosófico da escultura *Melancholy*, de Albert György, a partir da reificação da consciência compreendida por Theodor Adorno. Almejamos que, por meio desta relação, o leitor possa compreender como a razão, pelo viés da indústria cultural, transformou-se em mercadoria de uma sociedade que padroniza os indivíduos de acordo com seus moldes capitalistas, promovendo a reificação da consciência. As reflexões partiram das discussões proporcionadas pela disciplina Teoria Crítica e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista - UNESP de Marília e por meio do GEPEITC - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Infância e Teoria Crítica da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Para este estudo, optamos por uma metodologia de cunho qualitativo, com estudo bibliográfico à luz dos fundamentos da Teoria Crítica da Sociedade, pautando-nos principalmente nas obras de Adorno e Horkheimer, e em autores que dialogam com essa corrente filosófica. Os resultados apontam para a necessidade de uma formação cultural problematizadora, que proporcione reflexões críticas sobre a atual conjuntura, a fim de formar sujeitos emancipados, capazes de enfrentar o sistema capitalista.

**Palavras-chave:** reificação da consciência; educação; teoria crítica; razão instrumental.

### ABSTRACT

The purpose of this essay is to analyze the philosophical meaning of Albert György's sculpture *Melancholy*, based on the reification of consciousness understood by Theodor Adorno. We hope that, through this relationship, the reader can understand how reason, through cultural industry, has become a commodity in a society that standardizes individuals according to its capitalist molds, promoting the reification of consciousness. The reflections were based on the discussions provided by the course Critical Theory and Education in the Graduate Program in Education at the Universidade Estadual Paulista - UNESP (Marília) and by the GEPEITC - Group of Studies and Research in Education, Childhood, and Critical Theory at the Universidade Estadual de Londrina - UEL (Londrina State University). For this study, we opted for a qualitative methodology, with a bibliographic study in the light of the foundations of the Critical Theory of

<sup>1</sup> Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Educação (UEL), Mestra em Educação (UEL), Universidade Estadual de Londrina, naaschiavinato@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Educação (UEL), Mestra em Educação (UEL), Universidade Estadual de Londrina, flavia.schimanski@uel.br

<sup>3</sup> Mestra em Educação (UEL), Universidade Estadual de Londrina, taty\_freitas09@hotmail.com.

Society, based mainly on the works of Adorno and Horkheimer, and on authors who dialogue with this philosophical current. The results point to the need for a problematizing cultural training, which provides critical reflections on the current situation, in order to form emancipated subjects, capable of confronting the capitalist system.

**Keywords:** reification of consciousness; education; critical theory; instrumental reason.

## RESUMEN

El objetivo de este ensayo es analizar el significado filosófico de la escultura Melancolía, de Albert György, a partir de la cosificación de la conciencia entendida por Theodor Adorno. Esperamos que, a través de esta relación, el lector pueda comprender cómo la razón, a través del sesgo de la industria cultural, se ha transformado en mercancía de una sociedad que estandariza a los individuos según sus moldes capitalistas, promoviendo la cosificación de la conciencia. Las reflexiones se basaron en las discusiones proporcionadas por la asignatura Teoría Crítica y Educación del Programa de Postgrado en Educación de la Universidade Estadual Paulista - UNESP (Marília) y por el GEPEITC - Grupo de Estudios e Investigación en Educación, Infancia y Teoría Crítica de la Universidade Estadual de Londrina - UEL (Universidad Estatal de Londrina). Para este estudio, optamos por una metodología cualitativa, con estudio bibliográfico a la luz de los fundamentos de la Teoría Crítica de la Sociedad, basada principalmente en las obras de Adorno y Horkheimer, y autores que dialogan con esta corriente filosófica. Los resultados apuntan a la necesidad de una formación cultural problematizadora, que proporcione reflexiones críticas sobre la situación actual, para formar sujetos emancipados, capaces de enfrentar el sistema capitalista.

**Palabras clave:** reificación de la conciencia; educación; teoría crítica; razón instrumental.

## INTRODUÇÃO

*A tragédia dessa geração é o corpo bonito, a alma feia e a mente vazia.*

*Roberta Thornton*

Apesar de todos os artefatos que o mundo capitalista proporciona para os indivíduos, ainda se sentem constantemente sozinhos. É como se convivessem todos os dias com um desconhecido que, a cada momento, expressa um sentimento e/ou desejo diferente. Hoje querem um carro mais novo, amanhã uma bolsa mais amarela, depois uma casa mais arejada. É como se tudo o que desejassem ontem, hoje já não fizesse mais sentido. Como se as coisas que os rodeiam parecessem desconhecidas. São eternos inconformados, alienados e semiformados, pois dentro de cada um, há um vazio imenso e profundo que necessitam a todo momento preencher.

Pode-se notar que a humanidade moderna se reduz em vários seres vazios que vivem em busca de preencher seu mundo interior com qualquer tipo de entretenimento e/ou banalidade. Para isso, o mundo capitalista vem sendo de grande serventia, pois transformou os indivíduos em seres incapazes de refletir sobre sua condição miserável

e mortal, tamanho nível de sua alienação. Deixou o homem esvaziar-se de tal maneira que o transformou em mero objeto/instrumento da Indústria Cultural. Lhe ofereceu um mundo de entretenimentos e prazeres para que pudesse preencher seu vazio existencial.

Tornaram-se incapazes de perceber que vivem uma vida fragmentada e, muitas vezes, degradada pelo cotidiano do trabalho, das transformações econômicas e do consumo. Estão constantemente ocupados, em busca de um objetivo ou desejo inflado pelo capitalismo, pois não conseguem ficar com sua própria existência. Se apegam a verdades e valores que não escolhem conscientemente e, assim, substituem com facilidade o ser pelo ter e, em lugar de afetos, vivências e relações, falseiam sua própria existência, construindo simulacros de vida. Vivem numa Matrix, incapazes de separar a consciência da realidade.

Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é analisar o significado filosófico da escultura *Melancholy* (Figura 1), de Albert György, a partir da reificação da consciência compreendida por Theodor Adorno e outros autores que dialogam em uma mesma perspectiva teórica. Visto que, a obra sinaliza para o vazio existencial comumente evidenciado no homem a partir da sua relação com a lógica capitalista, a qual potencializa a superficialidade das relações humanas e na própria relação do homem consigo mesmo.

A esse respeito, Soares e Ewald (2004) já pontuavam que a sociedade imersa nesse universo efêmero, incentiva o homem a ser um consumidor voraz, acreditando que a aquisição de bens e serviços possam agregar valor à sua própria pessoa. Assim se estabelece a cultura do “ter” e do “ser”, em que ter é prioridade.

Por conseguinte, ao longo das reflexões pretendemos refletir sobre o processo de formalização da razão, bem como compreender os impactos causados pela Indústria Cultural e semiformação na reificação da consciência. Ainda, o papel da educação nesse processo.

Figura 1 – Escultura Melancolia de Albert György



Fonte: Google Imagens, 2022.

Para esta reflexão, optamos por adotar uma metodologia de cunho qualitativo com um estudo bibliográfico à luz dos fundamentos da Teoria Crítica da Sociedade, pautando-nos principalmente nas obras de Adorno (2003) e Horkheimer (2002), e em leituras secundárias que dialogam com a referida teoria.

De acordo com Gamboa (2003) a pesquisa qualitativa possibilita uma maior amplitude na investigação científica, porque permite o jogo de sentidos – a polissemia – que permite uma análise posterior baseada nos sentidos mais fortes e permanentes dos conceitos e categorias. Tal exercício requer a definição de um horizonte de interpretação e de análises que consideram [...] os contextos sociais e culturais onde as palavras, os gestos, os símbolos, as figuras, as diversas expressões e manifestações humanas têm um específico significado (GAMBOA, 2003, p. 399).

A Teoria Crítica da Sociedade se constitui como base para a análise dos dados e contribuições críticas e humanizadas em meio a barbárie. Por meio do método dialético da pesquisa, é possível vislumbrar alguns pontos importantes desta base teórica para a pesquisa que se propõe. Afinal, segundo Nobre (2004), a Teoria Crítica percebe a realidade como ela é e como deveria ser. Para isso, busca identificar quais são os obstáculos que impedem essa lacuna. Nesta teoria não há a superação – conciliação – mas a reflexão e esclarecimento. Não há necessidade de trazer soluções, mas sim de apresentar as contradições. Uma teoria para ser crítica deve visar a emancipação, é uma

teoria da imanência (parte da realidade e a ela se volta) e da transcendência (o movimento se volta para o campo das ideias).

Escolhemos esta perspectiva teórica, por ela própria dar embasamento teórico metodológico para a pesquisa, através do entendimento do movimento teórico crítico que Adorno e Horkheimer fazem ao discutirem sobre sociedade, educação e formação pelo caminho da reflexão e da crítica. Em suma, fazendo uso desta teoria, nos resta o desafio de identificar e compreender as contradições presentes na sociedade, tendo em vista um pensamento voltado para a consciência, ao invés da alienação.

### **O VAZIO EXISTENCIAL DO HOMEM CONTEMPORÂNEO: SUPERVALORIZAÇÃO DO TER EM DETRIMENTO DO SER**

Em *Eclipse da Razão*, livro publicado em 1947 e escrito originalmente em inglês, no período em que Horkheimer esteve exilado nos Estados Unidos, fez uma profunda crítica ao pensamento e à sociedade ocidental, buscando interpretar as mudanças que ocorreram no mundo. Trata-se de uma obra radical no qual revela o profundo impacto causado pela barbárie da Segunda Guerra Mundial. A tese fundamental desta obra era investigar o conceito de racionalidade subjacente à nossa cultura industrial contemporânea, a fim de descobrir se este conceito influenciava na perda da própria ideia de homem.

Neste livro, Horkheimer (2002) diferencia dois sentidos do termo razão: a razão subjetiva (razão instrumental) e a razão objetiva (razão emancipatória) e esclarece que ao longo do desenvolvimento da sociedade, a razão tornou-se subjetiva, isto é, não orientada por fins que traduzem uma racionalidade universal. Neste processo, a razão que era destinada a perceber a verdadeira natureza da realidade e determinar os princípios que guiavam a vida do homem, começa a ficar ultrapassada, instalando-se assim a sua autodestruição. Em síntese, ideias fundamentadas na razão objetiva, como justiça, igualdade e democracia, perdem seu valor e passam a ser orientadas exclusivamente pelo interesse particular do indivíduo.

Da tensão entre ambas (razão subjetiva e razão objetiva), o pensamento se vê privado “[...] não só do uso afirmativo da linguagem conceitual científica e cotidiana, mas igualmente da linguagem da oposição” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 12). Assim, a linguagem, característica essencialmente humana, deixa de ser um meio de expressar os pensamentos do indivíduo e passa a ser um instrumento de dominação e

estimulação do consumo, ocorrendo o que podemos chamar de formalização da razão, ou seja, a razão transformou-se em estupidez na medida que passou a inculcar *slogans* dominadores e, padronizar e classificar os seres humanos por meio de falsas aparências.

Matos (1993, p. 87), pontua que “este mundo não é [...] dos sujeitos ativos e conscientes, mas sim o mundo do capital” e, segundo Pucci (2007, p. 26), essa “racionalidade técnica se torna a racionalidade da dominação”. Acrescenta, ainda, que ela se encontra de tal forma institucionalizada na vida cotidiana dos indivíduos que se traduz “[...] no plano econômico, na ação calculada dos agentes econômicos (empresários) e na atuação competente da administração estatal (burocratas)”, transformando-se, assim, “concretamente em dominação calculada e calculável – dominação exercida sobre os homens e sobre a natureza” (FREITAG, 1986, p. 91).

A razão que inicialmente era considerada a expressão de liberdade do homem, acabou se instrumentalizando, transformando-se na camisa de força e na armação de ferro que o aprisiona, relevando a irracionalidade da sociedade como um todo e, conseqüentemente, sua própria escravidão. Aristóteles (2006), ao tratar do pensamento político, apresenta a figura do escravo que, segundo o filósofo, é propriedade de outrem, uma mercadoria “animada”, um “executor”, o que significa que ele não pertence a si mesmo. Seu corpo, seus gestos e sua própria vida são propriedades do senhor.

É escravo aquele que não se pertence, o “executor” sem iniciativa. O escravo não inicia nada, não está no começo de nada: os movimentos de seus braços, os gestos do seu corpo não são mais do que o eco, a réplica, a consequência de uma fala imperativa e primeira que domina. **O escravo não começa nada: ele segue, executa as ordens de outrem** (GROS, 2018, p. 39, grifos nossos).

Ao refletirmos sobre a citação de Gros (2018) relacionando com a obra de György, pode-se identificar que o vazio existencial resulta da nossa condição de escravo em uma sociedade que nos controla em todo o tempo, regidos pelo movimento de leis prontas, duras, frias e da lógica que se diz racional, mas que está submetida fielmente às leis do capital e desconsidera a subjetividade humana. Sendo que, a obra sinaliza para o vazio existencial comumente evidenciado no homem a partir da sua relação com a lógica capitalista, a qual potencializa a superficialidade das relações humanas e na própria relação do homem consigo mesmo.

Somos tratados como meros utensílios, instrumentos em mãos alheias, uma mercadoria que se troca, se revende, um bem do qual o proprietário (capital) dispõe a bel-prazer, desfruta e pode usar e abusar desse poder. Nesse sistema, nossa racionalidade não é mais necessária, uma vez que as máquinas pedem apenas que sigamos corretamente regras e instruções.

Um exemplo disso é que todos os dias acordamos cedo, vamos para o trabalho, almoçamos com os mesmos colegas, compartilhamos as mesmas experiências. Quando voltamos do trabalho para casa, conversamos sobre os mesmos assuntos, fazemos as mesmas atividades e assistimos os mesmos programas de televisão. Aos fins de semana, buscamos as mesmas agitações e divertimentos.

Assim seguimos nossa vida, como máquinas frias e vazias programadas para executar todos os dias as mesmas funções, afinal, “[...] quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 44). Isso se refere a um controle que vai além da objetividade dos corpos físicos, pois invade e controla as mentes.

Porque a razão que regula sua conduta não é mais a dos direitos e dos valores, do universal e do sentido. É a razão técnica, eficaz, produtora, útil. A razão da indústria e das massas, da administração e dos escritórios. A razão gestora, a racionalidade fria, anônima, glacial, impessoal do cálculo e da ordem. Não se trata mais da antiga utopia: escutar e seguir a voz da razão universal em vez de permanecer na servidão dos instintivos primitivos (GROS, 2018, p. 32).

Temos a falsa ideia de que vivemos numa sociedade livre e democrática, quando na verdade nossas necessidades passam a ser impostas pelos interesses das classes sociais dominantes, tornando o mundo do trabalho a base potencial de nossa “liberdade”, onde passamos a ser concebidos como máquinas e, conseqüentemente, mecanizados (MARCUSE, 1967). Impõem diariamente a cada sujeito necessidades materiais e intelectuais que perpetuam formas obsoletas de luta pela própria existência, ou seja, as forças econômicas e sociais cegam o homem de tal maneira que, para preservar a si mesmo, se deixa dominar, ajustando-se ao sistema para não ser excluído.

Nesse sentido, compreende-se que a possibilidade de escolha entre uma vasta variedade de mercadorias e serviços, não é sinônimo de liberdade na medida que sustentam os controles sociais sobre uma vida alienada. Estes produtos passam a ficar disponíveis para grande parte da população, promovendo uma falsa consciência,

doutrinando e manipulando os indivíduos; acabam transformando-se em estilos de vida que militam contra a transformação social qualitativa, surgindo um padrão de pensamento e comportamento no qual as ideias, aspirações e objetivos são redefinidos pela racionalidade do sistema e de sua extensão quantitativa.

Logo, a liberdade se divide entre enquadrar-se a esse modelo ou aceitar a exclusão. O objetivo da sociedade, que antes era libertar os homens do mito e torná-los senhores, transformou o mundo em um lugar perfeitamente administrado, no qual a racionalidade da produção capitalista voltou-se exclusivamente para o lucro e não para as necessidades humanas. Essa lógica transformou o pensamento coletivo, próprio homem passou a priorizar a sua individualidade como consumidor que conquista bens.

Dessa forma, para Crochík (1996, p. 60), se a cultura se torna irracional, “[...] a possibilidade de uma sociedade racional que vise à igualdade de condições de existência e a possibilidade de a diversidade poder expressar-se [...], passam a ser consideradas um sonho, uma alucinação, destacados da realidade”. Assim, o pensamento passa a ser treinado para adaptar-se à realidade tal como está posta e não para refletir a partir daquilo que a determina.

A esse modo de controle, Pinto & De Paula (2022) compreenderam a violência simbólica como atrelada à falsa consciência, bem como, identificaram que os processos que permitem compreender as bases em que a violência se manifesta se dão no campo da subjetividade e estão organizadas em três categorias: 1) a falsa projeção, 2) a falsa identificação e a 3) pseudoindividualidade. As autoras consideram que estas três categorias possuem em comum a indicação da personalidade de sujeitos subsumidos ao objeto, à sociedade. Pela mobilização das referidas categorias, cada sujeito se vê orgulhoso de compor a maioria e se torna espontânea a reação de recusa a qualquer raciocínio que questione o mundo estabelecido e a sua vinculação a ele.

Essa dominação técnica e subjetiva tornou-se um poderoso instrumento utilizado pela Indústria Cultural para conter o desenvolvimento da consciência das massas, pois, segundo Horkheimer e Adorno (1991), a Indústria Cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. O próprio ócio do homem é utilizado com o objetivo de mecanizá-lo, de tal modo que, sob o capitalismo, a diversão e o lazer tornam-se um prolongamento do trabalho. Essa mecanização conquistou tamanho poder sobre o homem que ele não tem acesso senão a cópia e reprodução do próprio trabalho.

A sociedade capitalista está tão naturalizada com a barbárie que os homens não enxergam outras possibilidades de mudança. Trata-se então de [...] um sistema prepotente, cuja violência se realiza graças à difusão pelo todo de suas próprias formas de organização (ADORNO, 1980, p. 111). O autor também aponta que isso se apresenta como uma obrigação partilhada entre os homens e, não se dá apenas pela transmissão social, mas também de uma maneira quase racional, como se essa adesão fosse um interesse genuíno de cada sujeito.

Para Pinto & De Paula (2022, p. 6) a falsa projeção da realidade pode ser entendida como “[...] uma degeneração da projeção verdadeira, que impossibilita ao sujeito distinguir entre aquilo que lhe é próprio e o que é alheio, obscurecendo a reflexão e estereotipando os esquemas de pensamento e realidade”. Desse modo, o pensamento “[...] fundado na falsa projeção é incapaz de analisar criticamente a realidade além daquilo que lhe é apresentado como consolidado”. Imersos em um processo constante de alienação, os homens perdem a capacidade refletir sobre suas atitudes, submetendo-se cada vez mais a esse sistema capitalista.

Este, por sua vez, exige cada vez mais que a sociedade seja qualificada de forma aligeirada, convertendo sua formação cultural emancipatória em semicultura, corroborando assim para que a Indústria Cultural veicule o conhecimento como informação resultando em uma semiformação. Controlar mentes sem capacidade de refletir é um dos meios mais poderosos que o capital age.

Assim, pode-se dizer que a Indústria Cultural é a forma original pela qual a produção artística e cultural é organizada no contexto das relações capitalistas de produção, lançada no mercado e por este consumida. Numa sociedade em que todas as relações sociais são mediatizadas pela mercadoria, também **a obra de arte, ideias, valores espirituais se transformam em mercadoria**, relacionando entre si artistas, pensadores, moralistas através do valor de troca do produto (FREITAG, 1986, p. 72, grifos nossos).

Nesse sentido, a produção artística e cultural deixa de ter seu caráter único e singular, de expressar o sofrimento, a alegria ou a angústia de seu produtor (seja ele escritor, poeta, artista) para se tornar um bem de consumo coletivo, destinado a venda, avaliado por sua lucratividade ou aceitação de mercado e não por seu valor estético e filosófico.

Logo, a nova função da produção cultural é ocupar o espaço de lazer que resta ao trabalhador assalariado depois de um longo e cansativo dia de trabalho, a fim de

recompor suas forças para conseguir voltar a trabalhar no dia seguinte, não permitindo que ele tenha tempo livre para refletir sobre a realidade miserável em que vive. Com isso, a Indústria Cultural elimina a dimensão crítica ainda presente na cultura, fazendo com que as massas consumam seus novos produtos, esquecendo assim da sua realidade alienada.

Estrategicamente, os meios de comunicação de massa fornecem às classes trabalhadoras assalariadas uma cultura que não permite que assumam uma posição crítica frente a realidade em que vivem, isso porque a Indústria Cultural consegue misturar os planos da realidade material com suas formas de representação, anulando progressivamente os mecanismos de reflexão e crítica de seus telespectadores.

Quanto mais as técnicas de composição e montagem se avançam, mais os espectadores percebem o filme, a novela, como um prolongamento de sua realidade. O prazer substancial dessas obras é a constante repetição dos dados, da reprodução milimétrica dos sons, das cores, ou seja, cada vez primam mais pelas técnicas sofisticadas da precisão da imagem, da sonorização, de forma que a reprodução seja tão hiper-realista do real que grande parte das pessoas acabam perdendo a consciência de que estas produções não passam de cópias da vida real que tentam reproduzi-las.

Impedindo a consciência das massas e instaurando o poder da mecanização sobre o homem, a Indústria Cultural cria condições cada vez mais favoráveis para a implantação do seu comércio fraudulento, no qual os consumidores são continuamente enganados em relação ao que lhes é prometido, mas não cumprido. Assim, a sociedade do consumo cria necessidades no indivíduo (que deve contentar-se com o que lhe é oferecido), organizando-se de forma que ele compreenda que sua condição é de mero consumidor, ou seja, que ele é apenas e tão somente um objeto desse sistema.

Dessa maneira, “[...] ao invés de constituir-se como um processo dialético de apropriação subjetiva do processo de formação cultural” (SILVA; BUENO, 2017, p. 1167), a cultura passa a ser um negócio e o conhecimento a corresponder a uma pedagogia cega, no qual, segundo Adorno (1996), converte-se em um processo semiformativo que prepara o indivíduo para o conformismo e adaptação à realidade vigente.

Assim, a formação cultural que antes era voltada para o desenvolvimento de processos subjetivos de formação, acaba obstruída em sua dimensão crítica na medida em que é reduzida à semiformação. Como resultado, os processos educativos são

reduzidos a pensamentos sem reflexão crítica e, totalmente, adaptados aos moldes da Indústria Cultural.

Desse modo, a cultura torna-se irracional e o pensamento passa a ser treinado somente a adaptar-se à realidade vigente levando o indivíduo a abdicar, pelo processo de adaptação, das possibilidades de autodeterminação e autorreflexão, conformando-se aos padrões sociais pré-estabelecidos. A semiformação “não pode ser explicada a partir de si mesma, porque constitui resultado de um processo de dominação sistemática por mecanismos das relações político-econômicas dominantes” (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p. 114).

Esse processo semiformativo, também chamado por Adorno (2003) de “semicultura”, é justamente a “[...] difusão de uma produção simbólica onde predomina a dimensão instrumental voltada para a adaptação e o conformismo, subjugando a dimensão emancipatória que se encontra ‘travada’, porém não desaparecida” (ZUIN; PUCCI; RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2001, p. 58). O indivíduo semiformado encontra-se acomodado à situação de dominação a qual está submetido, devido à forte atratividade que a Indústria Cultural proporciona.

Contudo, essa acomodação nem sempre é confortável, como demonstra a obra *Melancholy*, apesar de se tornar um mecanismo automático a incorporação inconsciente da dinâmica capitalista, o vazio existencial é inevitável, uma vez que o homem perde a capacidade de refletir sobre si mesmo e seus interesses e vontades genuínos. A esse respeito, Soares e Ewald (2004) já pontuavam que a sociedade imersa nesse universo efêmero, incentiva o homem a ser um consumidor voraz, acreditando que a aquisição de bens e serviços possam agregar valor à sua própria pessoa. Com essa razão semiformada, se estabelece a cultura do “ter” e do “ser”, em que ter é prioridade.

Bandeira e Oliveira (2012) afirmam que “[...] a semiformação, ao contrário da formação, que pretende ser um processo de emancipação dos indivíduos, produz a acomodação destes sujeitos ao status quo”. Neste contexto, semiformação não significa uma formação pela metade, que para se tornar plena, basta ser complementada. A semiformação também é ausência de cultura ou uma cultura danificada. É o resultado de um processo de dominação da formação cultural pelos mecanismos político-econômico dominantes.

Kant (2012) afirma que a saída do homem de sua menoridade, ou seja, da sua incapacidade de fazer uso do seu próprio entendimento sem o auxílio de outro sujeito, é possível por meio do esclarecimento. Para o filósofo, permanecer na menoridade é

escolher não pensar, ser preguiçoso e covarde, e, grande parte da sociedade moderna, por comodismo, oportunismo, medo ou preguiça, permanece na menoridade a vida toda.

É tão cômodo ser imaturo. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um pastor que tem consciência por mim, um médico que decide a respeito de minha dieta etc., então não preciso nem tentar. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar do trabalho cansativo (KANT, 2012, p. 145).

É evidente que o pensamento é inconveniente para os práticos, pois ele dá trabalho, exige esforço e desequilibra o modo de ser e estar no mundo de cada sujeito. É muito mais cômodo seguir a correnteza, ainda que declarando estar contra ela. Esse comodismo incentiva o homem a permanecer em sua “zona de conforto”, afinal, é prático quando existem outros indivíduos que podem pensar e fazer em nosso lugar. Resistir não é fácil, mas é uma saída necessária para a retomada da consciência capaz de romper com a lógica dominante.

Nessa lógica, Kant (2012) encoraja os homens a refletir sobre seu próprio conhecimento, buscando questionar-se e descobrir seus limites e enganos por meio do esclarecimento. Em um mesmo sentido, os autores frankfurtianos sinalizam para assumirmos o compromisso de resistir a ordem vigente, aplicando muitos esforços para que a educação seja de fato concebida para a contradição e para a resistência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a análise da obra *Melancholy* possibilitou reflexões e aproximações com o pensamento frankfurtiano acerca do vazio existencial do homem contemporâneo. Entendendo que a razão se transformou em instrumento do modelo capital na medida em que a Indústria Cultural passou a veicular apenas informação ao invés de conhecimento, gerando assim uma sociedade semiformada e, conseqüentemente, reificada, também estimulou o consumo desenfreado, tornando as pessoas meros telespectadores e consumidores.

Isso não significa, que compreendemos os sujeitos como passivos, mas sim como condicionados a um sistema que os afasta da autonomia e os molda em uma estrutura alienadora. A adesão a esse sistema é voluntária, ainda que de forma – muitas vezes – inconsciente. Contudo, é tão fetichizada e atrativa que torna os sujeitos tão vulneráveis

que passam a ser dominados. Porém, refletimos sobre as possibilidades de compreender e resistir a esse sistema.

Tal como Adorno e Horkheimer (1985) anunciavam, o preço da dominação não é apenas a alienação dos homens com relação aos objetos dominados, pois, uma vez que o espírito é coisificado, as próprias relações dos homens passam a ser enfeitadas, até mesmo as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Nesse processo, cada homem se aliena em sua própria condição de sujeito, como elucidam os autores, o industrialismo coisifica as almas.

Ademais, permitimos que o sistema capitalista e a Indústria Cultural nos dominasse de tal maneira, que nos esvaziamos, coisificando os objetos, as pessoas, as relações e a nossa própria existência. Tal desenvolvimento, supervalorizou a produção em detrimento das relações humanas e sociais, ou seja, as coisas em detrimento das pessoas. Mais consumo, menos reflexão. Mais alienação, menos autonomia.

Por isso, entendemos que na sociedade tecnificada na qual vivemos, nada é mais inconveniente do que a insistência da reflexão crítica de que a massificação e o consumo da produção cultural implicam na concretização de uma sociedade consciente, crítica e democrática. A educação – materializada – na escola é a agência com excelência para formar esse sujeito crítico e emancipado capaz de transformar a sua realidade, no entanto, há um necessário enfrentamento de resistência de um sistema capitalista que a torna estrategicamente manipuladora e disseminadora da Indústria Cultural por meio de um processo que induz à semiformação e, conseqüentemente, a reificação da consciência.

Por conseguinte, os autores aqui discutidos, possibilitam a abertura de possibilidades de compreensão de que a educação não é necessariamente um fator de emancipação, no entanto, acreditamos que seja possível amenizar os efeitos nocivos causados pela Indústria Cultural, Razão Instrumental e Semiformação proporcionando uma formação de qualidade para os profissionais que atuam dentro das instituições de ensino.

Não se trata de qualquer modelo de formação entendida como qualificação, que garanta avanços na escolaridade, carreira e salário. Formação inicial e continuada, que possibilite que estes profissionais reflitam sobre suas práticas e ampliem seus conhecimentos. Formação permanente, concebida por uma política cultural sólida e consistente, exercida com condições dignas de vida e de trabalho. Formação que capacite lutar contra a barbárie.

Afinal, um processo educacional que pretende ser emancipatória e crítica, não pode eximir-se de sua responsabilidade em promover uma formação cultural problematizadora. No existente, a contradição e resistência são imprescindíveis para que a educação seja de fato capaz de possibilitar a recusa e o enfrentamento da ordem vigente.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- ADORNO, Theodor W. **Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã**. In: BENJAMIM, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor, W. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, p. 209-257, 1980.
- ADORNO, Theodor W. Teoria da Semicultura. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. M. de Abreu. **Revista Educação e Sociedade**, n. 56, p. 388-411, 1996.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ARISTÓTELES. **A política**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BANDEIRA, Belkis Souza; OLIVEIRA, Avelino da Rosa. Formação cultural e semiformação: contribuições de Theodor Adorno para pensar a educação hoje. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 225-232, maio/ago. 2012.
- CROCHÍK, José Leon. Preconceito, indivíduo e sociedade. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 47-70, dez. 1996. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1996000300004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300004). Acesso em: 10 dez 2022.
- FREITAG, Barbara. **A teoria crítica: ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GAMBOA, Silvio Ancisar Sánchez. Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos. **Revista Contrapontos**, v. 3, n. 3, p. 393-405, 2003. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/735>. Acesso em: 08 mar 2023.
- GROS, Frédéric. **Desobedecer**. Tradução Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. 7. ed. São Paulo: Centauro, 2002.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

KANT, Immanuel. **Resposta à questão**: o que é esclarecimento? 1784. Tradução de Márcio Pugliesi. São Paulo: Cognitio, v. 13, n. 1, p. 145-154, jan./jun. 2012.

MARCUSE, Herbert. As novas formas de controle. In: MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**: o homem unidimensional. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 23-37.

MATOS, Olgária Chain Feres. **A Escola de Frankfurt**: luzes e sombras do Iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993.

NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4993606/mod\\_resource/content/1/Aula%201b\\_NOBRE-Marcos-A-Teoria-Critica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4993606/mod_resource/content/1/Aula%201b_NOBRE-Marcos-A-Teoria-Critica.pdf). Acesso em: 16 mar. 2023.

PINTO, Renata de Almeida Bicalho; DE PAULA, Ana Paula Paes. Violência Simbólica e Subjetividade: Uma Leitura a partir da Teoria Crítica Adorniana. **Revista Subjetividades**, v. 22, n. 2, p. e7884-e7884, 2022. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/7884>. Acesso em: 08 mar 2023.

PUCCI, Bruno. Teoria Crítica e Educação. In: PUCCI, Bruno. **Teoria Crítica e Educação**: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. 4. ed. Petrópolis: Vozes; São Carlos: EDUFSCAR, 2007. p. 11-58.

SCHMIED-KOWARZIK, W. Pedagogia dialética. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares da; BUENO, Sinésio Ferraz. Indústria Cultural e mercantilização da cultura como projeto de semiformação na educação da infância moderna. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 1164-1181, out./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2017v35n4p1164>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SOARES, Jorge Coelho; EWALD, Ariane P. Reflexões à sombra de Adorno. **Revista Nomadas**, Universidade Complutense de Madri, Número Especial, p. 1-2, 2004. Disponível em: <http://www.existencialismo.uerj.br/pdf/Nomadas.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2023.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. **Adorno**: o poder educativo do pensamento crítico. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

*Submetido em:* 08/03/2023

*Aceito em:* 21/03/2023